# HERMES

ÉDOUARD SCHURÉ

# O HOMEM E O MISTÉRIO

## (HERMES)

LIVRARIA E EDITÔRA LOGOS LTDA.
Praça da Sé, 47 - Salas 11 e 12
Fones: 33-3892 e 35-6080
SÃO PAULO

1.ª edição — março de 1959

Todos os direitos reservados

# ÍNDICE


*Págs.*

A Esfinge .............. 13

Hermes ................ 35

Ísis. A Iniciação. As Provas .............. 67

Osíris. A Morte e a Ressurreição ........ 113

A Visão de Hermes ... 141

Apêndice .............. 185

# HERMES

## (Os Mistérios do Egito)

*Ó alma cega! arma-te com o facho dos Mistérios e tu descobrirás na noite terrena o teu Duplo luminoso, a tua Alma celeste. Segue êsse guia divino e que êle seja o teu Gênio: — Porque êle contém a chave das tuas*

*existências passadas e futuras.*

APÊLO AOS INICIADOS

(Do *Livro dos Mortos*)

*Escutai-o em vós mesmos e vêde-o no infinito do Espaço e do Tempo. Ali reboa o canto dos Astros, a voz dos Números, a harmonia das Esferas.*

*É cada sol um pensamento de Deus e cada planêta um modo dêsse pensamento. É para conhecer o pensamento de Deus, ó almas!, que desceis e subis penosamente o*

*caminho de sete planêtas e dos seus sete céus.*

*Que fazem os Astros? Que dizem os Números? Que rolam as Esferas? — Ó almas perdidas ou salvas, êles dizem, êles cantam, elas rolam, — os vossos destinos!*

Fragmento (De Hermes)

# A ESFINGE

## A ESFINGE

O Egito foi no mundo antigo, em face da Babilônia, essa metrópole tenebrosa do despotismo, uma verdadeira cidadela da ciência sagrada, uma escola para os seus profetas mais ilustres, um refúgio e um laboratório das mais nobres tradições da humanidade. Devido a imensas escavações, a trabalhos ad-

miráveis, nós conhecemos hoje êsse povo melhor que nenhuma das civilizações que precederam a Grécia, porquanto êle nos reabre a sua história escrita em páginas de pedra[1].

Desenterram-se os seus monumentos, decifram-se os

---

(1) CHAMPOLLION, *L'Egypte sous les Pharaons;* BUNSEN, *Aegyptische Alterthümer;* LEPSIUS, *Denkmaeler;* PAUL PIERRET, *Le livre des Morts;* FRANÇOIS LENORMANT, *Histoire des peuples de l'Orient;* MASPERA, *Histoire ancienne des peuples de l'Orient,* etc.

seus hieróglifos; e, todavia, resta-nos ainda penetrar o arcano mais profundo do seu pensamento. Êsse arcano é a doutrina oculta dos seus sacerdotes, e tal doutrina, cientìficamente cultivada nos templos, prudentemente velada pelos mistérios, mostra-nos ao mesmo tempo a alma do Egito, o segrêdo da sua política e seu papel capital na história do universo.

Os nossos historiadores falam dos faraós no mesmo tom em que se referem aos déspotas de Nínive e da Ba-

bilônia. O Egito é para êles uma monarquia absoluta e conquistadora como a da Assíria, e não difere desta senão por ter durado alguns milhares de anos mais. Aperceber-se-ão êles de que na Assíria a realeza esmagou o sacerdócio, para o tornar em instrumento seu, enquanto que no Egito é o sacerdócio que disciplina a realeza, não abdicando nunca, mesmo nas piores épocas, impondo-se aos reis, inutilizando os déspotas, governando sempre a nação: e tudo

isso devido a uma superio-
ridade intelectual, a uma sa-
bedoria profunda e oculta
que nenhuma instituição de
ensino há jamais igualado
em país algum e em qual-
quer tempo? Custa-me a crê-
-lo, porque bem longe de
extraírem as conseqüências
inumeráveis que derivam
dêsse fato essencial, os
nossos historiadores têm-no
apenas entrevisto, parecendo
não lhe dar a mínima impor-
tância.

Não é, todavia, necessário
ser-se arqueólogo ou filólogo

para se compreender que o rancor implacável existente entre a Assíria e o Egito provinha de que êsses dois povos representavam no mundo dois princípios opostos, e que o povo egípcio deve a sua longa duração a uma ossatura religiosa e científica mais forte que tôdas as revoluções.

Desde a época ariana, através do período tôrvo que segiu os tempos védicos até à conquista persa e à época alexandrina, quer dizer durante um lapso de tempo su-

perior a cinco mil anos, o Egito foi como que a fortaleza das mais altas doutrinas, cujo conjunto constitui a ciência dos princípios e que poderá chamar-se a ortodoxia esotérica da antigüidade. Cinqüenta dinastias se puderam suceder, o Nilo alastrar sôbre cidades inteiras as suas aluviões, a invasão fenícia inundar o país e ser de lá expulsa, e, entre todos os fluxos e refluxos da história, sôbre a idolatria aparente do seu politeísmo exterior, o Egito conservou

o velho fundo da sua teogonia oculta e a sua organização sacerdotal. Ela tem resistido aos séculos como a pirâmide de Gizé, semi-soterrada na areia, mas intacta. Graças a essa imobilidade de esfinge, guardando o seu segrêdo, à sua resistência de granito, o Egito tornou-se o eixo em tôrno do qual o pensamento religioso da humanidade evolui, indo da Ásia à Europa. A Judéia, a Grécia, a Etrúria, tantos centros de vida que forma-

ram outras tantas civilizações diversas, onde foram buscar as suas idéias mães, senão à reserva orgânica do velho Egito?

Moisés e Orfeu criaram duas religiões opostas e prodigiosas, uma pelo seu monoteísmo árido, a outra pelo seu politeísmo deslumbrante. Mas em que molde é que o seu gênio se forma? Onde é que um encontra a fôrça, a energia, a audácia de refundir um povo semi-selvagem, como o bronze numa fornalha, e o outro a magia

de fazer falar os deuses, como uma lira afinada, à alma dêsses bárbaros encantados?

Nos templos de Osíris, na antiga Tebas, que os iniciados chamavam a cidade do sol, ou a Arca solar, — porque ela continha a síntese da ciência divina e todos os segredos da iniciação.

Todos os anos, pelo solstício do estio, quando tombam as chuvas torrenciais da Abissínia o Nilo muda de côr e toma êsse tom de sangue de que fala a Bíblia. O rio cresce até ao equinócio do

outono, escondendo sob as suas vagas o horizonte das margens.

Mas, erectos sôbre os seus planaltos de granito sob o sol enceguecedor, os templos talhados na rocha, as necrópoles, os pilões, as pirâmides refletem a majestade das suas ruínas no Nilo, tornado um mar.

Assim o sacerdócio egípcio tem atravessado os séculos com a sua organização e os seus símbolos, arcanos longo tempo impenetráveis da sua ciência. É nesses tem-

plos, nessas criptas e nessas pirâmides que se elabora a famosa doutrina do Verbo--Luz, da Palavra universal que Moisés concentrará mais tarde na sua arca de oiro e da qual Cristo será, por assim dizer, a chama viva.

A verdade é imutável em si mesma: só ela sobrevive a tudo; porém muda de moradas como de formas e as suas revelações são intermitentes. "A luz de Osíris", que outrora alumbrava aos iniciados as profundezas da natureza e os arcanos celestes,

extinguiu-se para sempre nas criptas abandonadas. Realizou-se a palavra de Hermes a Asclépio: "Ó Egito! Ó Egito! Não se conservarão de ti senão fábulas, incríveis para as gerações futuras, e de ti ùnicamente perdurarão as palavras talhadas em pedras".

É, todavia, um raio dêsse misterioso sol dos santuários que nós vamos fazer reviver, seguindo a estrada secreta da antiga iniciação egípcia, tanto quanto o permita a in-

tuição esotérica e fugente refração das idades.

Antes de penetrar no templo, lancemos, porém, um breve olhar sôbre as grandes fases atravessadas pelo Egito, antes do tempo dos hicsos.

Quase tão velha como a carcaça dos nossos continentes, a primeira civilização egípcia remonta à antiga raça vermelha(2). A esfinge co-

---

(2) Em uma inscrição da quarta dinastia, falava-se da esfinge como de um monumento, cuja origem se perdia na noite dos tempos, que fôra fortuitamente en-

lossal de Gizé, cêrca da grande pirâmide, é obra sua. No tempo em que o Delta (formado mais tarde pelas aluviões do Nilo) ainda não existia, já o animal monstruoso e simbólico estava deitado sôbre a sua colina de granito, frenteando a ca-

---

contrada no reinado dêsse príncipe, soterrada pelas areias do deserto, sob as quais estava esquecida desde dilatadas gerações (Fr. Lenormant, *Hist. peupl. d'Orient*, II 53). Ora a grande dinastia reporta-nos a 4000 antes de J.C. Pode ajuizar-se por aí a antiguidade da esfinge.

deia dos montes líbicos e vendo o mar encrespar-se a seus pés, lá onde se alonga a areia do deserto.

A esfinge, essa criação primitiva do Egito, tornou-se o seu símbolo principal, o seu sinal distintivo. O mais antigo sacerdócio a esculpiu — — a essa imagem da natureza calma e formidável no seu mistério. Uma cabeça de homem sai dum corpo de touro com garras de leão, fechando duas asas de águia sôbre os flancos. É a Ísis terrestre, a natureza na unida-

de viva dos três reinos: — — porque já nesses tempos imemoriais os sacerdotes ensinavam que, na sua grande evolução, a natureza humana emerge da natureza animal. Nesse composto de touro, de leão, de águia e de homem, estão também encerradas as quatro visões de Ezequiel, representando os quatro elementos constitutivos do microcosmo e do macrocosmo: a água, a terra, o ar e o fogo, base da ciência oculta.

E aí está por que, quando nos séculos posteriores, os iniciados viam o animal sagrado, deitado sôbre a soleira dos templos ou ao fundo das criptas, sentiam reviver em si mesmos êsse mistério e fechavam em silêncio as asas do seu espírito sôbre a verdade interior. Porque, antes de Édipo, êles sabiam que a chave do enigma da esfinge é o homem, o microcosmo, o agente divino, que resume todos os elementos e tôdas as energias da natureza.

A raça vermelha não nos legou, pois, outro testemunho senão o da esfinge de Gizé, prova irrecusável de que ela puzera e resolvera à sua maneira o grande problema.

# HERMES

## HERMES

A raça negra, que sucedeu na dominação do mundo à raça austral, como que fêz do Alto Egito o seu santuário. O nome de Hermes-Tote, êsse misterioso e primeiro iniciador do Egito nas doutrinas sagradas, reporta-se com certeza a uma primitiva e pacífica mistura da raça branca e da raça negra nas

regiões da Etiópia e do Alto Egito, muito antes da raça ariana.

Hermes é um nome genérico como os de Mânu e Buda. Designa simultâneamente um homem, uma casta e um deus. Homem, Hermes, é o primeiro e grande iniciador do Egito; casta é o sacerdócio, depositário das tradições ocultas; deus é o planeta Mercúrio, comparado com a sua esfera a uma categoria de espíritos, de iniciadores divinos; — em uma palavra, Hermes preside as

regiões supraterrestres da iniciação celestial.

Na economia espiritual do mundo, tôdas estas coisas estão ligadas por afinidades secretas, que as unem como um fio invisível. O nome de Hermes é um talismã que as resume, um som magnífico que as evoca. Daí o seu prestígio.

Os gregos, discípulos dos egípcios, chamaram-no Hermes Trismegisto, ou três vêzes grande, pois que o consideravam como rei, como legislador e como sacerdote.

Tipifica, por assim dizer, uma época em que o sacerdócio, a magistratura e a realeza se encontravam reunidos num só corpo governante. A cronologia egípcia de Máneton chama à sua época o reino dos deuses. Ainda não existia então nem o papiro nem a escrita fonética; mas existia, já, a ideografia sagrada, a ciência do sacerdócio estava escrita em hieróglifos nas colunas e nas paredes das criptas. Só mais tarde é que ela passa para as bibliotecas dos templos,

consideràvelmente aumentadas. Os egípcios atribuíam a Hermes quarenta e dois livros, tratando a ciência oculta. O livro grego, conhecido sob o nome de *Hermes Trismegisto*, encerra certamente os restos alterados, mas infinitamente preciosos, da antiga teogonia, que é como que o *fiat lux* de que Moisés e Orfeu receberam os primeiros raios. A doutrina do Príncipe-Fogo e do Verbo-Luz, encerrada na *Visão de Hermes*, é como que o vér-

tice e o centro da iniciação egípcia.

Tentaremos, muito de fugida, encontrar essa visão dos mestres, essa rosa mística que só na noite do santuário e nos arcanos das grandes religiões floresce.

Certas palavras de Hermes, prenhes da sabedoria antiga, são excelentes para nos iniciarem nela. "Nenhum dos nossos pensamentos, dizia êle ao seu discípulo Asclépios, saberá conceber Deus, nem nenhuma língua definí-lo. O

que é incorpóreo, invisível, informe, não pode ser apreendido pelos nossos sentidos: o que é eterno não pode ser medido pela curta regra do tempo; Deus é, pois, inefável. Deus pode, isso é verdade, comunicar a alguns eleitos a faculdade de se elevarem acima das coisas naturais, para perceberem algum raio da sua perfeição suprema; — mas êsses iniciados não encontram em linguagem vulgar palavras que possam exprimir a visão

imaterial que os fêz estremecer. Poderão explicar à humanidade as causas secundárias das criações que passam sob seus olhos, como imagens da vida universal; mas, a causa primária, conservar-se-á sempre vendada, e nós não chegaremos a compreendê-la, senão ultrapassando a morte". Era assim que, no umbral das criptas, Hermes falava do Deus desconhecido. Os discípulos que penetravam com êle as suas profundezas aprendiam

a conhecê-lo como um ser vivo(1).

---

(1) A teologia sábia, esotérica, diz Maspero, é monoteísta, desde os tempos do antigo Império. A afirmação da unidade fundamental do ser divino lê-se, expressa em têrmos formais e duma grande energia, nos textos que remontam a essa época. Deus é Um só, Aquêle que existe por essência, o único que vive em substância, o único gerador no céu e na terra que não foi gerado. Ao mesmo tempo, Pai, Mãe e Filho, êle origina, êle gera, e existe perpètuamente; essas três pessoas, longe de dividirem a unidade da natureza divina, concorrem pelo contrário para a sua in-

O livro fala da sua morte como da partida dum Deus.

"Hermes viu o conjunto das coisas, e, tendo visto, compreendeu, e tendo com-

---

finita perfeição. Sem seus atributos a imensidade, a eternidade, a independência, a vontade tôda-poderosa, a bondade sem limites. "Êle cria os seus próprios membros, que são os deuses", dizem os velhos textos. Cada um dêsses deuses secundários, considerados como idênticos ao Deus Único, pode formar um tipo novo, de que por seu turno e pela mesma forma emanam outros tipos inferiores. — *Histoire ancienne des peuples de l'Orient.*

preendido, teve o poder de o revelar e manifestar. O que êle pensou, êle o escreveu; o que êle escreveu, êle o ocultou em grande parte, calando com sabedoria e falando só quanto devia, a fim de que tôdas as gerações futuras procurassem o que o seu pensamento descobrira. E assim, tendo ordenado aos deuses seus irmãos que lhe servissem de cortejo, — êle ascendeu às estrêlas".

Pode, em rigor, isolar-se a história política dos povos, o que se não pode, porém, é

separar a sua história religiosa. As religiões da Assíria, do Egito, da Judéia, da Grécia não se compreendem desde que se não discirna bem o seu ponto de contacto com a antiga religião indo-ariana. Tomadas só por si, isoladamente, não passam de enigmas e charadas; vistas em conjunto e do alto, constituem uma soberba evolução, onde tudo se mantém e se explica recìprocamente. Em uma palavra: a história duma religião será sempre estreita, supersticiosa e fal-

sa; só é verdadeira a história religiosa da humanidade. Observando-as dêsse ponto de vista elevado, não se sentem senão as correntes que fazem a volta ao mundo. O povo egípcio, o mais independente e o mais cerrado a tôdas as influências exteriores, não se pode subtrair a essa lei universal. Cinco mil anos antes da nossa era, a luz de Rama, acesa no Irã, irradia sôbre o Egito e torna-se a lei de Âmon-Rá, o deus solar de Tebas. A sua constituição permite-lhe ar-

rostar com imensas revoluções. Menes foi o primeiro rei justo, o primeiro faraó executor da lei.

Em vez de despojar o Egito da sua teologia tradicional, não fêz, pelo contrário, senão confirmá-la e desdobrá-la, adicionando-lhe uma organização social nova: o sacerdócio quer dizer a realeza concebida como delegação sua, e submetida à sua fiscalização: a independência relativa dos nomos ou comunas, como base da sociedade. É, enfim, o que nós po-

demos chamar o govêrno dos iniciados. Essa instituição tinha por chave de abóbada uma síntese das ciências conhecidas sob o nome de Osíris (O-Sir-Is), o senhor intelectual, de que a grande pirâmide é o símbolo e o gnomo matemático. O faraó que recebia o seu nome de iniciação no templo, que exercia no trono a arte sacerdotal e real, era, pois, uma individualidade bem diferente que a do déspota assírio, cujo poder arbitrário assentava sôbre o crime e o

sangue. O faraó era o iniciado coroado, ou, pelo menos, o discípulo e o instrumento dos iniciados. Os faraós defenderam durante séculos, contra o despotismo da Ásia e a anarquia da Europa, a lei do Carneiro que representava então os direitos da justiça e da arbitragem internacional.

Pelo ano de 2200, antes de Jesus Cristo, o Egito sofreu a crise mais temerosa que um povo pode atravessar: a da invasão estrangeira e a duma meia conquista. A pró-

pria invasão fenícia foi a seqüência do grande cisma religioso da Ásia, que havia sublevado as massas populares, semeando a dissensão nos templos. Conduzida pelos reis-pastôres, chamados hicsos, essa invasão despenha o seu dilúvio sôbre o Delta e o Egito médio.

Os reis cismáticos traziam consigo uma civilização corruta, a indolência jônia, o luxo da Ásia, os costumes do harém, uma idolatria grosseira. A existência nacional do Egito estava comprome-

tida, a sua intelectualidade decadente, a sua missão universal ameaçada. Possuía, porém, um centro de vida, quer dizer, um corpo organizado de iniciados da antiga ciência de Hermes e de Âmon-Rá. Que faz êsse centro? Refugia-se no fundo dos santuários, dobra-se sôbre si mesmo para melhor resistir ao inimigo. Aparentemente, o sacerdócio curva-se ante a invasão e reconhece os usurpadores que arvoraram a lei do Touro e o culto do boi Ápis. Porém,

ocultas nos templos, as duas congregações guardam como um depósito sagrado a sua ciência, as suas tradições, a antiga e pura religião, e, com ela, a esperança duma restauração da dinastia nacional.

Foi por essa época que os sacerdotes propagaram pelo povo a lenda de Ísis e de Osíris, o desmembramento dêste último e o da sua ressurreição próxima realizada em seu filho Horus, que encontraria, na corrente do

Nilo, os seus membros esparsos.

Excita-se a imaginação das multidões pela pompa das cerimônias públicas. Alimenta-se o seu amor à velha religião, representando-lhe as desventuras da deusa, as suas lamentações sôbre a perda do espôso e a esperança que depositava em seu filho Horuas, o divino mediador. Ao mesmo tempo, porém, os iniciados julgaram necessário tornar a verdade esotérica inatacável, cobrindo-a dum triplo véu, e fizeram corres-

ponder à difusão popular do culto de Ísis e de Osíris a organização interior e sábia dos pequenos e grandes Mistérios, que, por assim dizer, rodearam de barreiras intransponíveis, de obstáculos temíveis. Inventaram-se as provas morais, exigiu-se o juramento do silêncio, e a pena de morte foi rigorosamente aplicada aos iniciados que divulgaram o menor detalhe dos Mistérios. Graças a essa organização severa, a iniciação egípcia tornou-se não só o refúgio da doutrina

esotérica, mas, ainda, o crisol duma ressurreição nacional e a escola das religiões futuras.

Enquanto os usurpadores coroados reinavam em Mênfis, Tebas preparou lentamente a regeneração do país. Do seu templo, da sua arca solar, foi que saiu o salvador do Egito, Amés, que expulsa os hicsos depois de nove séculos de dominação, restaura os direitos da ciência egípcia e a religião expressiva de Osíris. Foi assim que, para bem da humanidade, os

mistérios salvaram a alma do Egito da tirania estrangeira. A fôrça da sua disciplina, o poder da sua iniciação era tamanho, que representavam então, a maior fôrça moral, a mais alta seleção intelectual.

A iniciação antiga repousava sôbre uma concepção do homem ao mesmo tempo mais elevada e mais sã que a nossa. Nós dissociamos a educação do corpo da da alma e da do espírito. As nossas ciências físicas e naturais, muito avançadas, abs-

traem do princípio da alma e da sua difusão no universo; a nossa religião não satisfaz às exigências da inteligência; a nossa medicina não procura nem quer saber da alma e do espírito. O homem contemporâneo busca o prazer sem a felicidade, a felicidade sem a consciência e a ciência sem a sabedoria. A antiguidade não admitia que essas coisas se pudessem separar, tomando em conta, em todos os domínios, a tríplice natureza do homem. A

iniciação era uma elevação gradual de todo o ser humano para as cumeadas vertiginosas do espírito, donde se pode dominar a vida. "Para atingir o mestrado, diziam os sábios de então, o homem precisa de refundir totalmente o seu ser físico, moral e intelectual."

Ora essa refundição só é possível pelo exercício simultâneo da vontade, da intuição e do raciocínio. Por a completa concordância dêsses três elementos, o homem

pode desenvolver as suas faculdades até limites incalculáveis. Existem na alma sentidos dormentes: a iniciação acorda-os. Com um estudo profundo, uma aplicação constante, o homem consegue pôr-se em relação consciente com as fôrças ocultas do universo. Por um esfôrço prodigioso, poder atingir a percepção espiritual direta, devassar os caminhos do Além, e tornar-se capaz de seguir por êles. Só então pode dizer que venceu o seu

destino e conquistou desde cá de baixo a sua liberdade divina. Só então de iniciado pode tornar-se iniciador, profeta e teurgo, quer dizer, vidente e criador de almas. Porque só aquêle que se governa a si próprio, pode governar os outros: só aquêle que é livre pode libertar.

Assim pensavam os iniciados antigos. Os maiores, dentre êles, vivam e agiam de harmonia com os seus pensamentos. A verdadeira iniciação era, pois, alguma coi-

sa bem diferente de um sonho vazio, e bem mais que um simples ensino científico: era a criação duma alma por si mesma, a sua eclosão em um plano superior, a sua eflorescência em um mundo divino.

Reportemo-nos ao tempo dos Ramsés, à época de Moisés e de Orfeu, ao ano de 1300 antes da nossa era e procuremos penetrar no coração da iniciação egípcia. Os monumentos figurados, os livros de Hermes, a tradição

judaica e grega[2] permitem--nos fazer reviver as suas fases ascendentes e formularmos uma idéia da sua mais alta revelação.

---

(2) Iâmblico.

# ÍSIS. A INICIAÇÃO. AS PROVAS

## ÍSIS. A INICIAÇÃO. AS PROVAS

Pelo tempo dos Ramsés, a civilização egípcia resplandecia no apogeu da sua glória. Os faraós da 20.ª dinastia, discípulos e portagládios dos santuários, sustentavam como verdadeiros heróis a luta com Babilônia. Os archeiros egípcios rechaçavam os líbios, os bodonos, os nú-

midas até ao centro da África. Uma frota de quatrocentas velas perseguia a liga dos cismáticos até às bôcas do Índus. Para melhor resistirem aos ataques da Assíria e dos seus aliados, os Ramsés construíram estradas estratégicas até defronte do Líbano, e edificaram uma cadeia de fortes até Magedo e Carquemixe. De Radasie a Elefantina, afluíam pelo deserto caravanas inumeráveis.

Os trabalhos de arquitetura prosseguiam sem descanso, ocupando obreiros de três

continentes. A sala hipostila de Carnaque, da qual cada pilar atingia a altura da coluna Vendôme, era reparada; o templo de Abidos enriquecia-se de maravilhas esculturais e o Vale dos Reis de monumentos grandiosos. Edificava-se em Bubasta, em Luqsor, em Speos, em Ibsambul. Em Tebas construía-se um troféu monumental, que evocava a tomada de Cadsque. Em Mênfis, erguia-se o Ramesseum, cercado duma floresta de obeliscos, de estátuas, de monólitos gigantes-

cos. Em meio dessa atividade febril, dessa vida efervescente, era freqüente surgirem estrangeiros que aspiravam a conhecer os mistérios, atraídos das plagas longínquas da Ásia menor ou das montanhas da Trácia, ao Egito pela fama dos seus templos! Chegados que eram a Mênfis, sentiam-se empolgados de espanto. Os monumentos, os espetáculos, as festas públicas, tudo lhes dava a impressão da opulência, e da grandeza.

Depois da cerimônia da consagração real, que se fazia no segrêdo do santuário, viam o faraó sair do templo à frente da multidão, sob o pálio sustentado por doze oficiais flabelíferos do seu estado maior. Na sua frente, doze levitas moços conduziam em coxins bordados a oiro as insígnias reais; o cetro dos árbitros, encimado por uma cabeça de carneiro, a espada, o arco e a massa de armas. Detrás dêle, seguiam a casa do rei e os co-

légios sacerdotais, acaudados pelos iniciados nos grandes e nos pequenos mistérios. Os pontífices ostentavam a tiara branca, e os seus peitorais fulgiam com o fogo das pedras simbólicas, enquanto os dignatários da corôa exibiam as condecorações do Cordeiro, do Carneiro, do Leão, do Lis, da Abelha, suspensas de cadeias maciças dum trabalho admirável. Fechavam o cortejo as diversas corporações, com os seus emblemas e os seus estandartes desfral-

dados[1]. À noite, barcos magnìficamente empavesados, passeavam sôbre lagos artificiais as orquestras reais, ao meio das quais, se desenhavam em posturas hieráticas as bailarinas e as tocadoras de tiorba.

O que, porém, os estrangeiros procuravam, não era essa pompa esmagadora. O

---

(1) Vejam-se as pinturas murais dos túmulos dos reis, reproduzidas no livro de François Lenormant e o cap. sôbre o Egito na *Mission des Juifs* de Saint-Yves d'Alveydre.

desejo de penetrar o segrêdo das coisas, a sêde de saber, eis o que ali os trazia de tão longe. Haviam-lhes dito que nos santuários egípcios vivam magos, hierofantes que possuíam a ciência divina: pois também êles queriam entrar no segrêdo dos deuses. Tinham ouvido falar a um sacerdote do seu país do *Livro dos Mortos*, cujo rôlo misterioso se colocava sôbre as cabeças das múmias como um viático, e que narrava sob uma forma simbólica, a viagem da alma

além-túmulo, segundo os sacerdotes de Âmon-Rá. Êles haviam seguido com uma curiosidade ávida e uma certa perturbação interior, misturada de dúvida essa longa jornada para além da vida: a sua expiação numa região de chamas; a purificação do seu invólucro sideral; o seu recontro com o mau pilôto, cuja cabeça se voltava para trás, e com o bom polôto, que olhava em frente; a sua comparência ante os quarenta e dois juízes terrestres; a sua justificação por Tote; fi-

nalmente, a sua entrada e a sua transfiguração na luz de Osíris.

Nós podemos ajuizar do poder dêsse livro e da revolução total que a iniciação egípcia operava por vêzes nos espíritos, pela seguinte passagem do *Livro dos Mortos*: "Êste capítulo foi topado em Hermópolis, escrito a azul sôbre uma pedra de alabastro, aos pés do deus Tote (Hermes) no templo do rei Mencara, pelo príncipe Hastatefe, quando andava de viagem na inspeção dos tem-

plos. Tal pedra foi por êle conduzida para o templo real. Oh! o grande segrêdo! O príncipe, desde que leu êste capítulo puro e sagrado, não quis ver nem ouvir mais nada e nunca mais se acercou duma mulher, e nunca mais comeu vianda ou peixe."(2)

Mas o que havia de verdadeiro nessas narrativas perturbantes, nessas imagens hieráticas por detrás das quais cintilava o terrível

---

(2) *Livro dos Mortos*, cap. LXIV.

mistério de além túmulo? — Ísis e Osíris o sabem — dizia-se. Porém, quem eram êsses deuses de que nunca se falava senão com um dedo sôbre os lábios?

Era exatamente para o saber que o estrangeiro batia à porta do grande templo de Tebas ou de Mênfis.

Conduziam-no os servos ao pórtico duma galeria interior, cujas pilastras semelhavam lótus gigantescos sustentando com a sua fôrça e a sua pureza a Arca solar, o templo de Osíris. O hiero-

fante acercava-se do recém--chegado: a majestade da sua figura, a tranqüilidade da sua fisionomia, o mistério dos seus olhos negros, impenetráveis mas repletos de luz interior, bastavam para perturbar o postulante. O seu olhar perfurava como um estilete. O estrangeiro sentia--se face a face com um homem a quem seria impossível ocultar coisa alguma. O sacerdote de Osíris, interrogava-o a seguir sôbre a sua terra natal, sôbre a sua família e sôbre o templo onde

se instruíra. Se, durante êsse curto mas penetrante exame, o recém-chegado era julgado indigno de conhecer os mistérios, um gesto silencioso, mas irrevogável, indicava-lhe a porta. Se, porém, o hierofante descobria nêle o desejo sincero da verdade, rogava-lhe que o seguisse.

Atravessavam, então, pórticos, galerias interiores, chegando por fim, após o percurso duma espécie de avenida talhada na rocha sob um teto de estrêlas e de esfinges, a uma pequena ca-

pela, que servia de entrada às criptas subterrâneas. Uma estátua de Ísis, em tamanho natural, encobria e disfarçava a porta. Assentada, a deusa, tinha sôbre os joelhos um livro fechado, numa atitude de meditação e recolhimento. O seu rosto estava vendado, e lia-se sob a estátua:

NENHUM MORTAL LEVANTOU O VÉU QUE ME ESCONDE

— Esta é a porta do santuário oculto, — dizia o hierofante. Olha estas duas colu-

nas. A vermelha representa a ascensão do espírito para a luz de Osíris; a negra significa sua sujeição à matéria, pecado êsse que pode ir até ao aniquilamento. Quem quer que procure a nossa ciência e a nossa doutrina, joga a vida. A loucura ou a morte, eis o que o fraco ou malévolo aí encontra: só os fortes e os bons encontram nela a vida e a imortalidade. Por esta porta, tem entrado muito imprudente; mas nenhum dêles saiu vivo por ela. Isto é como um sorvedoiro; dos

que aqui caírem só os intrépidos volverão a ver a luz do dia. Reflete, pois, e reflete bem, no que vais fazer, nos perigos que te esperam, e, se a tua coragem não está à prova de tudo, renuncia ao teu empreendimento. Porque, uma vez que esta porta se tenha cerrado sôbre ti, tu não poderás recuar.

Se o estrangeiro persistia na sua vontade, o hierofante introduzia-o por um corredor exterior, recomendando-o aos servidores dos templos, com quem devia passar

uma semana, obrigado aos trabalhos mais humilhantes, escutando os hinos e fazendo abluções. Era-lhe impôsto o mais absoluto silêncio.

Chegada a noite das provas, dois neócoros,(3) ou assistentes, reconduziam o aspirante aos mistérios até à porta do santuário oculto. Penetram num vestíbulo escuro, sem saída aparente. Aos dois lados dessa sala lú-

---

(3) Adotamos aqui, como mais inteligível, a tradução grega dos vocábulos egípcios.

gubre, o estrangeiro via, ao clarão de archotes, uma coleção de estátuas, com corpos de homens e cabeças de animais: leões, touros, aves de rapina, serpentes que pareciam fitá-lo escarnecedoramente à sua passagem. Ao fim dessa sinistra avenida, que era atravessada sem se dizer uma única palavra, deparava-se com uma múmia e um esqueleto humano, de pé e frenteando-se. Num gesto mudo, os dois neócoros mostravam então ao noviço um buraco que havia na pa-

rede, defronte de si; era a entrada dum corredor tão apertado, que se não poderia penetrar nêle, senão de rastos.

— Tu podes, ainda, volver sôbre os teus passos, dizia-lhe um dos assistentes. Não se cerrou por enquanto a porta do santuário. Se o não quiseres, terás que seguir o teu caminho por ali, e sem esperança de regresso.

— Eu fico, respondia o noviço, chamando a si tôda a sua coragem.

Entregavam-lhe então uma pequena lâmpada acesa.

Os neócoros retrocediam fechando com fragor a porta do santuário. Não havia que hesitar; era necessário penetrar no estranho corredor.

Apenas começava a deslizar por êle, rastejando sôbre os joelhos, com a lâmpada na mão, ouvia uma voz dizer no fundo do subterrâneo: "Aqui perecem os loucos que apetecerem a ciência e o poder". Devido a um maravilhoso efeito de acústica, aquela

frase era repetida sete vêzes por ecos distanciados.

Urgia, porém, avançar; o corredor alargava-se gradualmente, mas descia em rampa, cujo declive se tornava de mais em mais precipitoso. Finalmente, o temerário caminheiro encontrava-se em face de uma espécie de funil terminado por um buraco, em que se prendia uma escada de ferro a que o noviço se agarrava.

Chegado ao último degrau da escada o seu olhar terri-

ficado mergulhava num precipício horroroso.

A luz frouxa da lâmpada de nafta, que êle apertava na sua mão trêmula, projetava nas trevas sem fundo o seu clarão vago.

Que fazer?

Para cima, era impossível, retroceder; em baixo, era a queda na escuridão, na noite medonha.

No meio de tal angústia, percebia que à sua esquerda se abria uma fenda. Aferrado com uma mão à escada, estendendo com a outra a

sua lâmpada, sondava-a. Uma escadaria! Era a salvação. Precipitava-se para ela: subia-a, escapava ao sorvedouro! A escadaria, furando a rocha como uma verruma, subia em espiral. Finalmente, o aspirante encontrava-se diante de uma grade de bronze, dando para uma larga galeria sustentada por enormes cariátides. Nos intervalos, pelos muros, viam-se duas fiadas de frescos simbólicos. Eram onze de cada lado, docemente iluminadas por lâmpadas de cristal, que as be-

las cariátides suspendiam das suas mãos de pedra.

Um mago, denominado *pastóforo* (guardião dos símbolos sagrados) abria ante o noviço a grade de bronze, acolhendo-o com um sorriso benévolo. Felicitava-o por ter atravessado com felicidade a primeira prova, depois do que o conduzia ao longo da galeria e lhe explicava as pinturas sagradas. Havia, por debaixo de cada uma dessas pinturas, uma letra e um número.

Os vinte e dois símbolos representavam os vinte e dois primeiros mistérios e constituíam o alfabeto da ciência oculta, quer dizer, os princípios absolutos, as chaves universais, que, aplicadas pela vontade, se transformam na fonte de tôda a sabedoria e de todo o poder. Êsses princípios fixavam-se na memória, pela sua correspondência com as letras da língua sagrada, e com os números que se liam junto dessas letras. Cada letra, e cada número exprime nessa lín-

gua uma lei tríplice, com repercussão no *mundo divino*, no *mundo intelectual* e no *mundo físico*. Pela mesma forma por que o dedo que tange uma corda da lira faz ressoar uma nota da escala e vibrar todos os sons harmônicos, o espírito que contempla tôdas as virtualidades dum número, a voz que pronuncia uma letra com consciência do seu valor, evocam um poder que se repercute nos três mundos.

É assim que a letra A, que corresponde ao número 1,

exprime *no mundo divino*: o Ser absoluto, de que emanam todos os sêres; *no mundo intelectual*: a unidade, origem, e síntese dos números; *no mundo físico*: o homem, vértice dos sêres relativos, que, pela expansão das suas faculdades, se eleva às esferas concêntricas do infinito. O arcano 1 era figurado entre os egípcios, por um mago de túnica branca, de cetro na mão, a fronte cingida por uma coroa de oiro. A túnica branca significava a

pureza, o cetro o poder, a coroa de oiro a luz universal.

O noviço estava muito longe de compreender tudo o que sentia de estranho e de novo; diante de si, porém, abriam-se perspectivas desconhecidas, às palavras do pastóforo e em face dessas belas pinturas que o olhavam com a impassível gravidade dos deuses. Entrevia, por detrás de cada um dêles, uma multidão de pensamentos e de imagens, evocadas de súbito como relâmpagos, cruzando-lhe o cérebro.

Pressentia, pela primeira vez, o *interior do mundo*, pela cadeia misteriosa das causas. E, assim, de letra em letra, de número em número, o mestre ia explicando ao discípulo o sentido dos arcanos, conduzindo de *Ísis Urânia* ao *carro de Osíris*, da *tôrre derribada* à *estrêla flamejante*, e por *fim à corôa dos magos*. "E aprende bem, dizia o pastóforo, o que quer dizer esta coroa: tôda a vontade que se une a Deus, para manifestar a verdade e realizar a justiça, entra desde esta vida

em participação do poder divino sôbre os sêres e sôbre as coisas, recompensa eterna dos espíritos libertos".

Escutando as palavras do mestre, o neófito experimentava um misto de surpresa, de crença e de arrebatamento. Aquêles eram os primeiros esplendores do santuário, e a verdade entrevista parecia-lhe a alvorada duma divina recordação.

As provas não haviam, porém, terminado ainda. Acabando de falar, o pastóforo abria uma porta que dava

acesso para sob uma nova abóbada estreita e longa, na extremidade da qual crepitava uma fornalha ardente. "Mas isto é a morte!" — exclamava o noviço: e punha-se a olhar o seu guia, num estremecimento.

" — Meu filho, respondia-lhe o mago, a morte só apavora as naturezas defeituosas. Eu atravessei outrora essas labaredas, como quem atravessa um campo de rosas". E a grade da galeria dos mistérios, cerrava-se sôbre o postulante.

Acercando-se da barreira de fogo, percebia que a fornalha se reduzia a uma ilusão de ótica, criada por madeiras resinosas entrelaçadas em quincôncio sôbre grelhas. Uma vereda, aberta ao meio das chamas, permitia-lhe passar com rapidez.

À *prova do fogo* sucedia-se a *prova da água*. O aspirante via-se forçado a atravessar uma água morta e negra, ao clarão de um incêndio de nafta, aceso por detrás dêle na câmara do fogo. Após essa *prova*, dois assistentes con-

duziam-no, ainda todo arrepiado, a uma gruta escura, onde se não divisava mais do que um leito macio, misteriosamente iluminado pela meia-luz duma lâmpada de bronze, suspensa da abóbada. Enxugavam-no, friccionavam o seu corpo com essências raras, revestiam-no de fino linho e deixavam-no só, depois de lhe terem dito: "Repousa, e espera o hierofante".

O noviço distendia os membros fatigados sôbre a cobertura suntuosa do seu leito. Após as emoções tão

diversas por que passara, aquêles momentos de calma eram deliciosos. As pinturas sagradas que vira, tôdas essas figuras estranhas, esfinges, cariátides, lhe perpassavam pela imaginação. Havia, porém, uma dessas pinturas que sobrelevava as outras na obstinada insistência com que lhe surgia à mente, teimosa, repassando-lhe o espírito como uma alucinação. Era a do arcano X, representado por uma roda, suspensa do seu eixo, entre duas colunas. Dum lado subia

Hermanúbis, o gênio do Bem, formoso, como um jovem efebo; do outro, Tifon, o gênio do Mal, a cabeça baixa, precipitava-se no abismo. Entre os dois, em cima da roda, uma esfinge sustentava nas garras uma espada...

O zumbido vago duma música lasciva, que parecia partir do fundo da gruta, afugentava essa imagem. Eram sons leves e indefiníveis, dum langor triste e incisivo. Roçava-lhe pelo ouvido um tinir de metais, que lhe dava uma sensação de carícia,

misturado de harpa, que fugiam, sons de flauta, suspiros arfantes como hálito cálido.

Como que envolvido em um sonho de fogo, o noviço cerrava os olhos. Quando os abria de novo, divisava a alguns passos do seu leito uma aparição perturbadoramente infernal de vida e de sedução.

Uma mulher da Núbia, envôlta numa gaze de púrpura transparente, um colar de amuletos pendendo-lhe sôbre o colo, semelhante às sacerdotisas dos mistérios de Mé-

lita, estava ali, de pé, na sua frente, olhando-o com uma ternura sôfrega, e sustentando na mão uma taça engrinaldada de rosas. Ela tinha êsse tipo nubiano, em que a sensualidade intensa e capitosa concentra todos os poderes do animal feminino: seios salientes, narinas dilatadas, lábios grossos como um fruto vermelho e saboroso. Os seus olhos negros faiscavam na penumbra. O noviço estremunhava num sobressalto, e surprêso, não sabendo se havia de tremer

se regozijar-se, cruzava instintivamente as mãos sôbre o peito.

A escrava acercava-se, porém, a passos lentos e macios, baixava os olhos, murmurava em voz doce — "Tens mêdo de mim, ó belo estrangeiro? Eu trago-te a recompensa dos vencedores, o esquecimento das penas, a taça da ventura..." O neófito hesitava: e então, como tomada de lascívia, a núbia assentava-se sôbre o tálamo e envolvia o estrangeiro em um olhar suplicante, como

uma longa e envolvente labareda úmida. Desgraçado dêle, se ousava cingí-la, se se inclinava sôbre essa bôca, se se embebedava com os perfumes pesados que brotavam das suas espadas côr de bronze. Uma vez que êle tocasse aquela mão, e colasse os lábios aos rebordos daquela taça, estava perdido... Rolaria sôbre o tálamo, enlaçado num abraço ardente: passado, porém, o cêvo selvagem do desejo, o líquido que bebera, mergulhava-o num sono pesado. Ao acor-

dar encontrava-se só e angustiado. A lâmpada derramava um clarão fúnebre sôbre o seu leito em desordem. Diante dêle estava um homem: era o hierofante, que lhe dizia:

— Tu soubeste sair vencedor das primeiras provações. Triunfaste da morte, do fogo e da água; mas não soubeste vencer-te a ti mesmo. Tu, que aspiras às alturas do espírito e do conhecimento, sucumbiste à primeira tentação dos sentidos, e caíste no abismo da matéria. Quem

vive escravo dos sentidos, vive nas trevas. Preferiste a escuridade à luz; fica-te, pois na escuridade! Eu precavi-te contra os perigos a que te expunhas. Tu salvaste a tua vida; mas perdeste a tua liberdade e ficarás, sob pena de morte, escravo do templo.

Se, ao contrário, o aspirante entornava a taça e repelia a tentadora, vinham então doze neócoros armados de fachos que o rodeavam e conduziam triunfalmente ao santuário de Ísis, onde os magos, colocados em hemi-

ciclo e vestidos de branco, o esperavam em assembléia plenária.

Ao fundo do templo, esplêndidamente iluminado, erguia-se a estátua colossal de Ísis em metal fundido — uma rosa de ouro no colo, um diadema de sete raios na cabeça e tendo seu filho Horus nos braços.

Diante da deusa, o hierofante, vestido de púrpura, recebia o recém-chegado e obrigava-o a prestar, sob as mais temíveis ameaças, o juramento do silêncio e da

submissão. Em seguida saudava-o em nome de tôda a assembléia como a um irmão e como a um futuro iniciado. O discípulo de Ísis, ao ver-se em face de seus augustos mestres, julgava-se na presença dos deuses. Elevado acima de si mesmo, penetrava pela primeira vez na esfera da verdade.

# OSÍRIS. A MORTE E A RESSURREIÇÃO

## OSÍRIS. A MORTE E A RESSURREIÇÃO

E, contudo, o noviço não havia ultrapassado ainda mais do que os umbrais da iniciação. Começavam agora os longos anos de estudo e de aprendizagem. Antes de se elevar a Ísis Urânia, deveria conhecer a Ísis terrestre, instruir-se nas ciências físicas e androgônicas. O seu

tempo repartia-se entre as meditações da sua cela, o estudo dos hieróglifos nas salas e galerias do templo, tão vasto como uma cidade, e as lições dos mestres. Aprendia a ciência dos minerais e das plantas, a história do homem e dos povos, a medicina, a arquitetura e a música sagrada.

Nessa longa aprendizagem não devia, apenas, *conhecer*, mas *advinhar*, conquistar a fôrça pelo poder da ciência.

Os sábios antigos criam em que o homem não possuía a

verdade senão quando esta se tornava uma parte do seu ser íntimo, um ato espontâneo da sua alma.

Porém, nesse trabalho profundo de assimilação, os mestres deixavam o discípulo completamente entregue a si mesmo. Não o auxiliavam em cousa alguma e, a maior parte das vêzes, êle próprio se espantava da sua indifedença. Vigiavam-no com atenção; sujeitavam-no a regras inflexíveis; exigia-se-lhe uma obediência absolu-

ta; mas nada lhe revelavam para lá de certos limites.

Às suas inquietações, às suas perguntas, respondiam-lhe apenas: "Espera e trabalha!"

Vinham-lhe, então, revoltas súbitas, arrependimentos amargos, suspeitas horrorosas. Ter-se-ia êle tornado o escravo de impostores audaciosos ou de mágicos negros que subjugavam a sua vontade com fins infames? A verdade fugia-lhe; os deuses abandonavam-no; sentia-

-se só e prisioneiro do templo.

A verdade surgira-lhe sob a figura duma esfinge. Entretanto, a esfinge dizia-lhe: "Eu sou a Dúvida!" E a bêsta alada, com a sua cabeça de mulher impassível e as suas garras de leão, arrebatava-o para o dilacerar sôbre a areia ardente do deserto.

Mas aos seus pesadelos sucediam-se a calma e os pressentimentos divinos. Compreendia, então, o sentido simbólico das provações que

atravessara, ao entrar no templo. Ai! o poço sombrio onde êle supusera ir cair, era, em verdade, menos negro que o sorvedoiro da verdade insondável; o fogo que atravessara era menos temível que as paixões que queimavam ainda a sua carne; a água gelada e tenebrosa em que devera ter mergulhado, era menos fria do que a dúvida em que o seu espírito se afundava no naufrágio das horas más.

Em uma das salas do templo viam-se as mesmas pin-

turas sagradas que lhe haviam sido explicadas na cripta, durante a noite das provas e que representavam os vinte e dois arcanos. Êsses arcanos, que lhe tinham deixado entrever nos umbrais da ciência oculta, constituíam pròpriamente as colunas da teologia; mas, para os compreender, era mister atravessar tôda a iniciação. Desde então nenhum mestre lhe tornara a falar dêles; apenas lhe permitiam que passeasse na referida sala, e que meditasse sôbre êsses

símbolos. E ali passava longas horas solitárias.

Essas figuras castas como a luz, graves como a Eternidade, pareciam infiltrar-lhe no coração, lentamente, a verdade indivisível e impalpável. Na muda intimidade das divindades silenciosas e sem nome, cada uma das quais parecia presidir a uma esfera da vida, começava a experimentar qualquer coisa de novo: ao princípio, como que uma descida às funduras do seu ser; depois, uma espécie de desagregação do

mundo que o fazia pairar ao decima das coisas. Uma ou outra vez, inquiria de algum dos magos: "— Ser-me-á um dia permitido aspirar a rosa de Ísis e ver a luz de Osíris?" — Respondiam-lhe: — "Isso não depende de nós. A verdade não se dá. Ou nós a encontramos em nós mesmos, ou nunca a encontramos. Nós não podemos fazer de ti um adepto: é necessário que tu o consigas por ti mesmo. O lótus pousa longo tempo sôbre o rio, antes de desabrochar. Não apresses a

eclosão da flor divina. Se ela tem de vir, ela virá na sua hora própria. Trabalha e ora."

E o discípulo voltava aos seus estudos, às suas meditações penetrado dum prazer triste. Amou o encanto austero e suave dessa solidão em que passava como que um sôpro do ser dos sêres. Decorriam assim os meses, os anos. Pouco a pouco, sentia que em si mesmo se ia operando uma transformação gradual, uma metarmofose completa. As paixões, que

haviam assediado a sua juventude, afastavam-se como sombras enquanto os pensamentos que se lhe abriam no cérebro lhe sorriam como amigos imortais. O que êle experimentava, por momentos, era a aniquilação do seu ser terrestre e o nascimento dum ser mais puro e mais etéreo. Tomado dêsse sentimento, chegava a prostrar-se ante as portas do santuário cerrado. E não havia então dentro de si, mais revoltas, mais desejos, mais arrependimentos. Todo êle era

um perfeito abandono da alma aos deuses, uma completa oblação à verdade. "Ó Ísis, dizia nas suas orações, pois que a minha alma não é mais do que uma lágrima dos teus olhos, que ela caia em orvalho sôbre as outras almas e que, morrendo, eu sinta o seu perfume ascendendo para vós; eis-me pronto para o sacrifício."

Após uma dessas orações mudas, o discípulo em êxtase via perto de si, de pé, como uma visão que surgisse do solo, o hierofante envol-

vido nos quentes clarões do poente. O mestre parecia ler todos os pensamentos do seu discípulo, penetrar todo o drama da sua vida interior.

— Meu filho, dizia-lhe, aproxima-se a hora em que a verdade te será revelada, visto tu já a teres pressentido descendo ao fundo de ti mesmo e encontrando aí a vida divina. Tu vais entrar na grande, na inefável comunhão dos Iniciados, pois que disso és digno, pela pureza do coração, pelo amor

da verdade e pelo poder da renúncia. Mas ninguém franqueia o limiar de Osíris sem passar pela morte e pela ressurreição. Vamos portanto acompanhar-te à cripta. Não tenhas receio, porque tu és já um dos nossos irmãos.

E pelo crepúsculo, os sacerdotes de Osíris, acompanhavam entre brandões acessos, o novo adepto a uma cripta baixa sustentada por quatro pilastras cujas bases eram formadas por esfinges. A um dos seus cantos en-

contrava-se um sarcófago aberto em mármore[1].

— Nenhum homem, dizia o hierofante, escapa à morte

---

(1) Os arqueólogos viram durante muito tempo no sarcófago da grande pirâmide de Gizé o túmulo do rei Sesóstris, crentes em Heródoto, que não foi iniciado, e a quem os sacerdotes egípcios só confiaram anedotas e contos populares. Os reis do Egito tinham as suas sepulturas noutras partes. A estrutura interior e extravagante da pirâmide prova que ela devia servir para as cerimônias da iniciação, para as práticas secretas dos sacerdotes de Osíris. Encontrava-se ali o *Poço da Verdade*, que já des-

e tôda a alma vivente está destinada à ressurreição. O adepto passa vivo para o túmulo para entrar noutra vida, na luz de Osíris. Deita-te pois nesse túmulo e espera a luz divina. Tu franquearás esta noite a porta do Terror

---

crevemos, a escadaria subindo à sala dos arcanos... A *Câmara* chamada *do Rei*, que encerra o sarcófago, era aquela aonde o neófito era conduzido na noite da sua grande iniciação. Essas mesmas disposições achavam-se reproduzidas nos grandes templos de todo o Egito.

e atingirás os umbrais do mestrado.

O adepto deitava-se no sarcófago aberto, o hierofante espalmava sôbre êle a mão, em bênção, e o cortejo dos iniciados afastava-se em silêncio da sepultura.

Uma pequena lâmpada, posta no chão, esclarecia com o seu clarão dúbio as quatro esfinges que suportavam as colunas grossas da cripta. Sentia-se, como que ao longe, um côro de vozes profundas, baixo e velado. Donde vinha êle? O canto dos

funerais!... E o canto expira, e a lâmpada lança um derradeiro clarão, e extingue-se completamente. O adepto está só nas trevas, cai sôbre êle o frio do sepulcro, que lhe gela todos os membros. Gradualmente experimenta tôdas as sensações dolorosas da morte, até que tomba em letargia. A sua vida desfila-lhe então diante dos olhos em quadros sucessivos como qualquer coisa de irreal, e a sua consciência terrestre torna-se cada vez mais vaga e difusa. Mas a

medida que sente dissolver-se-lhe o corpo, a parte etérea, fluida do seu ser vai desembaraçando... Cai em êxtase... O que é aquêle ponto brilhante que se acende ao longe, quase imperceptível sôbre o fundo negro das trevas? Ei-lo que se aproxima, aumenta, transforma-se em uma estrêla de cinco pontas, cujos raios têm tôdas as côres do arco-íris e lançam na escuridão descargas de luz magnéticas. Oh! aquilo é um sol que o atrai à brancura do seu cen-

tro incandescente. — É a magia dos mestres que produz essa visão? É o invisível que se torna visível? É o presságio da verdade celeste, a estrêla flamejante da esperança e da imortalidade? — Enfim, desaparece; e em seu lugar um botão vem desabrochar na noite uma flor imaterial, mas sensível e dotada duma alma. Ela abre-se na sua frente, como uma rosa branca; desdobra as suas fôlhas e êle vê formarem-se as suas pétalas vivas, purpurear-se o seu cálice inflamado.

É a flor de Ísis, a rosa mística, que encerra em seu coração o amor? — Mas eis que se evapora, como uma nuvem de perfumes. Então, o iniciado sente-se bafejado por um sôpro quente e acariciador. Depois de haver hesitado em formas caprichosas, a nuvem condensa-se e assume uma figura humana. É a duma mulher, a Ísis do santuário oculto, mas mais moça, sorridente e luminosa. Envolve-se em roda do seu corpo, em espiral, um véu, através do qual a sua carne

brilha. Traz na mão um rôlo de papiro. Acerca-se docemente, dobra-se para o iniciado deitado na sua tumba, e diz-lhe: "Eu sou a tua irmã invisível, eu sou a tua alma divina e êste é o livro da tua vida. Êle encerra as páginas cheias das tuas vidas preteritas e as páginas brancas das tuas vidas futuras. Desenrolá-las-ei tôdas, um dia, diante de ti. Ficas-me, entretanto, conhecendo. Chama-me e eu virei"!

E enquanto ela fala, — ó presença dum dom angélico,

promessa inefável do divino, fusão maravilhosa do impalpável além! — um raio de ternura brota dos seus olhos.

Mas tudo se desfaz, a visão desvanece-se numa sensação horrorosa de dilaceramento. O adepto sente-se precipitado em seu próprio corpo como em um cadáver. Cai num estado de letargia consciente. Círculos de ferro prendem-lhe os membros; um pêso terrível pesa sôbre o seu cérebro; êle desperta, enfim... e, de pé, na sua frente vê o hierofante acom-

panhado de magos. Rodeiam--no, fazem-lhe beber um cordial, e êle levanta-se:

— Eis-te ressuscitado, diz então o profeta, vais celebrar conosco o ágape dos iniciados e narrar-nos a tua viagem na luz de Osíris. Porque tu és, de hoje em diante, um dos nossos.

Em seguida é transportado, com o hierofante, ao observatório do templo, sob o calmo esplendor duma dessas aveludadas noites egípcias. Era ali que o chefe do templo fazia ao novo iniciado a

grande revelação, recontando-lhe a *visão de Hermes.* Essa visão não estava escrita em papiro algum, apenas existia marcada em sinais simbólicos nas estelas da cripta secreta e só era conhecida do profeta. A sua explicação era transmitida oralmente de pontífice para pontífice.

— Escuta bem, dizia o hierofante, esta visão encerra a história eterna do mundo e o círculo das coisas.

# A VISÃO DE HERMES

## A VISÃO DE HERMES(1)

"Em certo dia, Hermes adormeceu, após ter medita-

---

(1) A *Visão de Hermes* encontra-se no comêço dos livros de *Hermes Trismegisto* sob o nome de *Poimândres*. A antiga tradição egípcia não chegou até nós senão sob uma forma alexandrina ligeiramente alterada. Tentei reconstituir êsse fragmento capital da doutrina hermética no sentido da alta iniciação e da síntese esotérica que ela representa.

do a origem das coisas. Um pesado torpor tomou o seu corpo: mas, à medida que o corpo entorpecia, o seu espírito alava-se nos espaços.

Então, afigura-se-lhe que um ser imenso, sem forma determinada, o chamava pelo seu nome. — Quem és tu? — pergunta-lhe aterrorizado. — Eu sou Osíris, a Inteligência suprema, que tudo posso desvendar. — Que desejas? — Descobrir a origem dos sêres, ó divino Osíris, e co-

nhecer Deus. — Serás satisfeito.

Hermes sentiu-se imediatamente inundado duma luz deslumbradora. Nas suas ondas diáfanas perpassavam as formas arrebatadoras de todos os sêres. Mas, de súbito, uma treva horrível e de forma sísmica baixou sôbre êle. Hermes foi submergido num caos úmido cheio de fumo e dum rumor lúgubre. Uma voz se levantou então do abismo. Era o *grito da luz*. Sùbitamente, um fogo sutil se ateia nas profundezas

úmidas do abismo e ganha as alturas etéreas. Hermes sobe com êle, e sente-se nos espaços. O caos define-se: coros de astros reboam sôbre a sua cabeça; e a *voz da luz* enche o infinito.

— Compreendeste o que acabas de ver? diz Osíris a Hermes, prêso ao seu sonho e suspenso entre a terra e o céu.

— Não, diz Hermes. — Pois bem: vais compreendê-lo. Tu acabas de ver o que constitui a eternidade. A luz

que existia no princípio é a inteligência divina, que contém, em potência, tôdas as coisas e encerra as formas de todos os sêres. As trevas, em que a seguir te engolfaste, é o mundo material em que os homens da terra vivem. Mas o fogo, que viste irromper das profundezas é o Verbo divino. Deus é o Pai, o Verbo é o Filho; a sua união é a Vida. — Que sentidos maravilhosos são êstes que despertaram em mim? pergunta Hermes. Eu não vejo já com os olhos do cor-

po, mas sim com os do espírito. Como se fêz isto?

— Filho do pó, responde Osíris, é porque o Verbo está em ti. O que em ti entende, vê, aciona, é o Verbo, êle próprio, o fogo sagrado, a palavra criadora!

— Pois que êle é assim, faz-me ver a vida dos mundos, o caminho das almas, donde vem o homem e para onde vai.

— Que tudo se faça, segundo o teu desêjo.

Hermes torna-se mais pesado que um pedra e rola

através dos espaços como um aerólito. Finalmente, vê-se no cimo duma montanha. Era noite: a terra estava sombria e nua; os seus membros pareciam pesar-lhe como se fôssem de ferro.

— Ergue os olhos e olha! diz a voz de Osíris.

Então o iniciado viu um espetáculo maravilhoso passado no espaço infinito, no céu estrelado, que o envolvia em sete esferas luminosas.

Dum só olhar Hermes abrangeu os sete céus, dis-

postos sôbre a sua cabeça como sete globos transparentes e concêntricos, de que êle ocupava o centro sideral.

O último era cingido pela Via-Láctea. Rolava, em cada uma dessas esferas, um planêta acompanhado dum gênio de forma, sinais e luz semelhantes. Enquanto Hermes, deslumbrado, contemplava a sua floração esparsa e os seus movimentos majestosos, a Voz dizia-lhe:

— Olha, escuta e compreende. Tu vês as sete esferas de tôda a vida. Realiza-se

através delas a queda das almas e a sua ascensão. Os sete Gênios são os sete raios do Verbo-Luz. Cada um dêles mantém uma esfera do Espírito, uma fase da vida das almas. O mais próximo de ti é o Gênio da Lua, de sorriso inquietante e coroado por uma foice de prata. Preside aos nascimentos e às mortes. Êle desagrega as almas dos corpos, e atrai-as com os seus raios. Acima dêle o pálido Mercúrio indica o caminho às almas descendentes e ascendentes com o

seu caduceu, que encerra a Ciência. Mais acima, é a brilhante Vênus, que guarda o espelho do Amor, em que as almas por sua vez se esquecem e reconhecem. Mais alto, o gênio do Sol ostenta o facho triunfal da eterna Beleza. Mais alto, ainda, Marte brande o gládio da Justiça. Entronizado sôbre a esfera azulada, Júpiter empunha o cetro do poder supremo, que é a inteligência divina. Nos confins do mundo, sob os signos do Zodíaco, Saturno sus-

têm o globo da sabedoria universal(2).

— Eu vejo, disse Hermes, as sete regiões que compõem o mundo visível e invisível: vejo os sete raios do Verbo--Luz, do Deus único, que as

---

(2) É conveniente explicar que êstes deuses tinham nomes diferentes na língua egípcia. Mas os sete deuses cosmogônicos correspondem--se em tôdas as mitologias, pelos seus sentidos e pelos seus atributos. Têm todos a mesma raiz comum, na tradição esotérica. Tendo a tradição ocidental adotado os nomes latinos, nós conservamos-lhos, para maior clareza.

atravessa e por êles as governa. Mas, ó meu mestre, como se realiza a viagem dos homens através de todos os mundos?

— Vês, disse Osíris, uma semente luminosa cair das regiões da Via Láctea na sétima esfera? São germens de almas. Elas vivem como vapôres ligeiros na região de Saturno, felizes, sem cuidados e não tendo consciência da sua felicidade. Mas, caindo de esfera em esfera, revestem envólucros cada vez mais pesados. Em cada en-

carnação adquirem um novo sentido corporal, conforme o meio em que habitam. A sua energia vital aumenta; porém, à medida que entram em corpos mais espessos, vão perdendo a recordação da sua origem celeste. Assim se realiza a queda das almas, que vêm do divino Éter. Cada vez mais cativas da matéria, cada vez mais embriagadas pela vida, elas precipitam-se como uma chuva de fogo, com estremecimentos de volúpia, através as regiões da Dor, do Amor e da

Morte até à sua prisão terrestre, onde tu própria gemes retida pelo centro ígneo da terra, e onde a vida divina te parece um sonho vão.

— As almas podem morrer? perguntou Hermes.

— Sim, respondeu a voz de Osíris, muitas morrem na descida fatal. A alma é filha do céu e a sua viagem é uma prova. Se, no seu frenético amor pela matéria, perde a recordação da sua origem, a centelha divina que nela residia e que teria podido tornar-se mais brilhante do que

uma estrêla, volta à região etérea, como átomo sem vida — e a alma dissolve-se no turbilhão dos elementos grosseiros.

A estas palavras de Osíris, Hermes tremeu. Uma tempestade bramidora envolveu-o numa nuvem negra; as sete esferas desapareceram sob espessos véus e êle viu espectros humanos dando gritos medonhos, arrastados e dilacerados por animais monstruosos e fantásticos, por entre gemidos e blasfêmias sem nome.

— Tal é, disse Osíris, o destino das almas inferiores e más. O seu tormento não acaba com a sua destruição, que é a inteira perda da consciência. Mas, repara: os vapôres dissipam-se, as sete esferas reaparecem no firmamento. Olha dêste lado. Vês êsse enxame de almas que tenta subir para a região lunar? Umas são escorraçadas para a terra como turbilhões de aves esmagadas pela tempestade; outras atingem a grandes vôos a esfera superior que, na sua rotação, as

arrasta, e, uma vez lá chegadas, recobram a vista das coisas celestes. Agora, porém, não se satisfazem com as refletir no sonho duma felicidade impotente, mas impregnam-se delas com a lucidez da consciência esclarecida pela dor, com a energia da vontade adquirida na luta. Elas tornam-se luminosas porque possuem em si mesmas a divindade e a refletem luminosamente nos seus atos.

Fortalece, pois, a tua alma, ó Hermes, sossega o teu

espírito atemorizado, contemplando êsses longínquos vôos de almas, que tornam a subir as sete esferas e lá se espalham como numa chuva de cintilas. Porque u podes seguí-las também, pois basta querer para te elevares. Vê como elas ensaiam e delineiam coros divinos e como cada qual se coloca sob o seu gênio preferido. As mais belas vivem na região solar, as mais poderosas elevam-se até Saturno; alguns ascendem até ao Pai — agora entre as potências celestes, po-

tências elas também. Porque lá onde tudo acaba, tudo eternamente começa e as esferas dizem em uníssono: "Sabedoria! Amor! Beleza! Esplendor! Ciência! Imortalidade!"

"Eis aí, dizia o hierofante, o que o antigo Hermes viu e o que os seus sucessores nos transmitiram. As palavras do sábio são como as sete notas da lira, que contêm tôda a música, com os números e as leis do universo. A visão de Hermes assemelha-se ao céu estrelado, cujas insondá-

veis profundezas são semeadas de constelações e que para a criança não passa duma abóbada com pregos de ouro, enquanto que para o sábio é o espaço sem limites onde volteiam os mundos com os seus ritmos e as suas maravilhosas cadências. Esta visão encerra os números eternos, os sinais evocadores e as chaves mágicas. Quanto mais tu aprenderes a contemplá-la e a compreendê-la, melhor atingirás a sua grandeza e extensão, por isso que a mesma lei orgânica gover-

na todos os mundos". E o profeta do templo comentava o texto sagrado explicando que a doutrina do Verbo-Luz representa a divindade em *estado estático*, no seu equilíbrio perfeito, e demonstrando a sua natureza tríplice, que é ao mesmo tempo inteligência, fôrça e matéria; espírito, alma e corpo; luz, verbo e vida. A essência, a manifestação e a substância são três têrmos que recìprocamente se supõem e a sua união constitui o princípio divino e intelec-

tual por excelência, a lei da unidade ternária, que domina de alto a baixo a criação.

Tendo, por esta forma, conduzido o seu discípulo ao centro ideal do universo, ao princípio gerador do Ser, o mestre iniciava-o na segunda parte da visão, que representa a divindade *em estado dinâmico*, isto é, em evolução ativa, ou, por outros têrmos, o universo visível e invisível, o céu vivo. As sete esferas ligadas aos sete planêtas, simbolizavam sete princípios, sete estados dife-

rentes da matéria e do espírito, sete mundos diversos que cada homem e cada humanidade são forçados a atravessar na sua evolução através dum sistema solar. Os sete gênios ou os sete deuses cosmogônicos significavam os espíritos superiores e dirigentes de tôdas as esferas, êles próprios saídos da iniludível evolução. Para um antigo iniciado cada grande deus era, portanto, o símbolo e o protetor de legiões de espíritos que reproduziam o seu tipo sob mil

variantes e que, da sua esfera, podiam exercer uma ação sôbre o homem e sôbre as coisas terrestres. Os sete gênios da visão de Hermes são os sete devas da Índia, os sete Amexaspentas da Pérsia, os sete grandes Anjos de Caldéia, os sete Sefirotes(3) da Cabala, os sete arcanjos do Apocalipse cristão. E o grande setenário que abraça o

---

(3) Na Cabala há dez Sefirotes, representando os três primeiros o ternário divino, e os outros sete a evolução do universo.

universo, não vibra ùnicamente nas sete côres do arco-íris, nas sete notas da gama, mas manifesta-se também na constituição do homem, que é triplo por essência mas sétuplo por sua evolução.(4)

---

(4) Vamos dar aqui os têrmos egípcios desta constituição setenária do homem que se encontram na Cabala: *Chat*, corpo material; *Anch*, fôrça vital; *Ka*, duplo etéreo ou corpo astral; *Haiti*, alma animal; *Baí*, alma racional; *Cheibi*, alma espiritual; *Ku*, espírito divino. Encontrar-se-á o desenvolvi-

"Assim, dizia o hierofante ao terminar, tu penetraste até ao limiar do grande arcano. A vida divina apareceu-te sob os fantasmas da realidade. Hermes fêz-te conhecer o céu invisível, a luz de Osíris, o Deus oculto do universo, que respira por milhões de almas e anima os globos errantes e os corpos em trabalho. Doravante com-

---

mento destas idéias fundamentais da doutrina esotérica mais adiante no livro de Orfeu, e sobretudo, no de Pitágoras.

pete a ti o dirigires-te e o escolher o caminho para ascender ao Espírito puro, porque tu pertences, desde agora, aos *ressuscitados vivos*. Lembra-te que há duas chaves principais da ciência. Eis a primeira: "O exterior é como o interior das coisas; o pequeno é como o grande; não há senão uma só lei e aquêle que trabalha é Um. Nada é pequeno, nada é grande na economia divina". Eis a segunda: "Os homens são deuses mortais e os deuses são homens imortais. Fe-

liz daquele que compreende estas palavras, porque êle possui a chave de tôdas as coisas. Recorda-te que a lei do mistério cobre a grande verdade. A ciência integral não pode ser revelada senão aos nossos irmãos, aos que atravessaram as mesmas provas que nós. É necessário medir a verdade segundo as inteligências, velá-la aos fracos que ela tornaria loucos, ocultá-la aos maus que dela não poderiam aprender senão fragmentos, dos quais se serviriam como armas de

destruição. Encerra-a no teu coração e que ela fale por tua obra. A ciência será a tua fôrça, a lei a tua espada e o silêncio a tua armadura invencível.

As revelações do profeta de Âmon-Rá, que abriam ao iniciado tão vastos horizontes sôbre si mesmo e sôbre o universo, produziam sem dúvida uma impressão profunda quando eram feitas sôbre o observatório de um templo de Tebas, no sossêgo lúcido de uma noite egípcia. As pilastras, os tetos e os

terraços brancos dos templos dormiam a seus pés, entre os massiços negros dos cactus e dos tamarindos. Ao longe, grandes monólitos, estátuas colossais dos deuses poisavam como juízes incorruptíveis sôbre o lago silencioso. Três pirâmides, figuras geométricas do tetragrama e do setenário sagrado perdiam-se no horizonte, espaçando os seus triângulos no cinzento leve do ar. No firmamento insondável formigavam as estrêlas. Com que olhos novos êle olhava êsses astros

que lhe descreviam como futuras moradas!

Quando, enfim, o esquife doirado da lua emergia do espelho sombrio do Nilo, que se perdia no horizonte como uma serpente azulada, o neófito julgava ver a barca de Ísis que navega sôbre o rio das almas e as transporta para o sol de Osíris. Recordava-se do *Livro dos Mortos*, e o sentido de todos os símbolos revelava-se então ao seu espírito. Depois do que tinha visto e aprendido, podia crer-se no reino cre-

puscular do Amenti, interregno misterioso entre a vida terrestre e a vida celeste, onde os defuntos, primeiro sem olhos e sem palavra, readquirem pouco a pouco o olhar e a voz.

Também êle ia empreender a grande viagem, a viagem do infinito, através os mundos e as existências. Já Hermes o tinha absolvido e julgado digno, já lhe havia dito a palavra do grande enigma: 'Uma alma única, a grande alma do Todo, criou, partilhando-se, tôdas as almas

que se movem no universo". Armado do grande segrêdo subia para a barca de Ísis. Ela partia. Levantada nos espaços etéreos, flutuava nas regiões intersiderais. Já os clarões brilhantes duma aurora imensa rasgavam as velas azuladas dos horizontes celestes, já o côro dos espíritos gloriosos dos Aquimu-Secu, que lograram o repouso eterno, cantava: "Levanta-te, Rá Hermacuti! Sol dos espíritos! Aquêles que vão na tua barca, na *barca dos milhões de anos,* exaltados,

soltam exclamações. O grande ciclo divino, transbordando de alegria, glorifica a grande barca sagrada. Na capela misteriosa celebram-se festas. Levanta-te, pois, Âmon-Rá Hermacuti! Sol que a si mesmo se criou!" E o iniciado respondia por estas palavras orgulhosas: "Atingi o país da verdade e da justiça. Ressuscito como um deus vivo e brilho no côro dos deuses que habitam o céu, porque sou da sua raça."

Tão altivos pensamentos, tão audaciosas esperanças podiam visitar o espírito do adepto, na noite que seguia a cerimônia mística da ressurreição. No dia imediato, nas avenidas do templo, sob a luz cegante, essa noite não lhe parecia mais do que um sonho... Mas que sonho inolvidável não era essa primeira viagem ao impalpável e ao invisível! Novamente êle lia a inscrição da estátua de Ísis: "Nenhum mortal ergueu o meu véu". Todavia uma ponta dêsse véu se havia le-

vantado, mas para de novo cair, e êle havia acordado sôbre a terra dos túmulos. Ah!, como estava longe do têrmo sonhado e quanto é longa a viagem na *barca dos milhões de anos!* Ao menos havia entrevisto o destino final. Se a visão do outro mundo não passara dum sonho, um esbôço infantil da sua imaginação, ainda adensada pelas exalações da terra, poderia duvidar dessa outra consciência que tinha sentido despertar em si, dêsse duplo mistério, dêsse ser

celeste que lhe aparecia na sua beleza astral como uma forma viva, e que lhe tinha falado no seu sono? Seria uma alma-irmã, seria o seu gênio, ou não seria senão o reflexo do seu espírito íntimo, um pressentimento do seu ser futuro? Maravilha e mistério. Seguramente era uma realidade, e, se essa alma não era senão a sua, era a verdadeira. Para tornar a encontrá-la que não faria êle? Vivesse embora milhões de anos que nunca mais esqueceria essa hora divina

em que vira o seu outro eu puro e resplandecente![5]

A iniciação terminara. O adepto estava consagrado sacerdote de Osíris. Se era egípcio, ficava adido ao templo, se era estrangeiro per-

---

(5) Na doutrina egípcia, o homem era considerado como não tendo consciência nesta vida senão da alma animal e da alma racional chamada *hati* e *bai*. A parte superior do seu ser, a alma espiritual e o espírito divino, *cheibi* e *ku* existem em si em estado de gérmen inconsciente e desenvolvem-se após esta vida, quando êle próprio se torna *um Osíris*.

mitiam-lhe às vêzes regressar ao seu país para ali fundar um culto ou cumprir a sua missão. Mas, antes de partir, prometia solenemente, por um juramento temível, guardar um absoluto silêncio acêrca dos segredos do templo. Nunca êle poderia dizer a ninguém o que tinha visto e ouvido, nem revelar a doutrina de Osíris senão sob o tríplice véu dos símbolos mitológicos ou dos mistérios. Se traísse êste juramento, uma morte forte o atingiria cedo ou tarde, por

longe que estivesse. Mas o silêncio tornava-se o escudo da sua fôrça.

Regressado às plagas da Jônia, à sua turbulenta cidade, sob o choque das paixões furiosas, no meio duma multidão de homens que viviam como insensatos, ignorando-se a si mesmo — quantas vêzes recordava o Egito, as pirâmides, o templo de Âmon-Rá. Então o sonho da cripta voltava. E, assim como, lá em baixo, o lótus ondeja sôbre as vagas do Nilo, assim também sem-

pre essa branca visão sobrenadava ao de cima do rio lodoso e turbado desta vida. Às horas escolhidas êle ouvia a *sua* voz, e era a voz da luz, despertando no seu ser uma música íntima, que lhe dizia: "A alma é uma luz velada. Quando não cuidamos dela, escurece e extingue-se, mas quando lhe deitamos o santo óleo do amor, ela brilha como uma lâmpada imortal".

# APÊNDICE

## PENSAMENTOS DE PITÁGORAS

Até a escravidão nos habitua o hábito.

*

A harmonia social, comparada à música, é um concêrto de muitos discordantes.

*

Caminha ao lado da multidão, mas não no centro dela, muito menos na frente.

*

Educai as crianças, e não será preciso punir os homens.

*

Os mais terríveis monstros não estão na África; — estão nos países de guerra.

*

O homem é mortal pelos seus temores e imortal pelos seus desejos.

*

Não procures brilhar pelos teus gastos desmedidos, como se ignorasses o que é bom e conveniente. Nem

tampouco te gabes de poupar excessivamente. Nada é preferível à justa medida, necessária em tôdas as coisas.

*

Sêde amigos da verdade até ao martírio; não apóstolos até à intolerância.

*

Aquilo que possas fazer sòzinho, nunca deixes que te ajudem a fazê-lo.

*

A alma é um acorde; a dissonância, a sua enfermidade.

*

O interêsse fala em tôdos os idiomas e desempenha tôda a espécie de papéis, até o do desinterêsse.

*

Cultiva assìduamente a ciência dos números, porque nossos crimes não são mais que êrros de cálculos.

*

O defeito é um monstro que não procria.

*

Em estado de dúvida, suspende o juízo.

*

*

Composto e Impresso

na

EMPRÊSA GRÁFICA CARIOCA S.A.

à

Rua Brigadeiro Galvão, 225/235

em abril de 1959

São Paulo

*